

Planta medicinal pode elevar renda no cerrado

Paulo Barletta Paiva
de Lavras

É possível gerar renda e empregos no cerrado brasileiro a partir do uso racional de espécies nativas, beneficiando sua população sem qualquer dano ao meio ambiente. Muitas das espécies próprias do cerrado, com múltiplas possibilidades de utilização econômica, permanecem desconhecidas ou exploradas incorretamente por seus habitantes.

Esta é a principal conclusão da pesquisa "Manejo Sustentado do Cerrado para Usos Múltiplos", elaborada pela Universidade Federal de Lavras (Ufla) — um dos principais centros de estudos agrícolas do País. Iniciado em 1994, o trabalho consumiu US\$ 500 mil do CNPq. A primeira etapa foi concluída no primeiro semestre deste ano.

Os resultados mostraram uma região cuja biodiversidade é praticamente desconhecida pelo homem e, exatamente por isto, extremamente mal aproveitada. "Sabe-se ainda pouco do cerrado brasileiro", confirma o professor José Roberto Scolfaro, do Departamento de Ciências Florestais da Ufla e coordenador do projeto.

O pequi é um exemplo típico do desconhecimento que cerca a fauna e flora do cerrado. Fruto típico da região, é utilizado para consumo direto, em menor escala, e na fabricação de licores e óleos comestíveis.

No fruto encontram-se as vitaminas A, B1, B2, calorias, gorduras, cálcio, fósforo, fibras, proteínas e ferro. É, inclusive, considerado um "viagra" natural. E a madeira de

suas árvores é ideal para a construção civil e naval.

Com tais propriedades, o pequi poderia ser uma fonte de renda e negócios para a população do cerrado que, em regiões como o norte de Minas, onde o estudo foi realizado, abriga famílias em estado de pobreza e péssimas condições de vida.

Isto, contudo, não ocorre. Mais grave: o brasileiro não sabe, sequer, como se planta o pequi. Explorado irracionalmente e apenas sob forma de extrativismo, o fruto está ameaçado de extinção, apesar de sua comercialização representar, segundo a Ufla, 40% da renda anual dos trabalhadores rurais, estimada em parcos R\$ 1.181,50 (dados de 1997).

Cerca de 40% da receita do trabalhador rural mineiro vem do comércio do pequi, fruta de reprodução desconhecida

"Estamos tentando descobrir como a semente se reproduz para domesticar a planta", frisa Scolfaro. O impacto do fruto na renda do trabalhador rural sobe para 54% quando, além da venda do pequi, produz-se e comercializa-se também o óleo.

A favela, ou fava-d'anta, encontra-se na mesma situação. Extrai-se, desta planta, a rutina, um eficaz vasodilatador utilizado por laboratórios e comercializado por empresas exportadoras, como Merck Nordeste, Sanrisil, Fitol e PVP.

"Estas empresas exportam US\$ 20 milhões anualmente em rutina extraída do cerrado", diz Scolfaro. A população nativa permanece excluída do processo: para o pequeno produtor rural a coleta da fava representa apenas 0,51% de sua renda familiar anual. A demanda chega a 2 mil toneladas/ano. ■